

RUDEBUSCH, George. *Socrates, Pleasure and Value*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

No título do livro, o prazer está colocado entre dois termos que exercem uma atração mútua e milenar: Sócrates e o Valor. Separando Sócrates do objeto preferencial de suas conversas, o prazer parece ficar – além do incômodo da posição – fora do seu lugar natural. Mas este parece ter sido justamente o desafio que Rudebusch aceitou com dedicação: buscar os argumentos que tornassem a ordem dessas palavras no título absolutamente justificada, e, por que não dizê-lo, necessária.

Não é tarefa fácil. O argumento do autor sugere não ter se preocupado o Sócrates dos primeiros diálogos platônicos muito com o prazer, e, quando resolveu discuti-lo, ainda que indiretamente, no *Protágoras*, e mais diretamente, no *Górgias*, alimentou uma polêmica que, pelo que se lê no livro em questão, está muito longe do fim. A polêmica tem por base três posições contraditórias defendidas por Sócrates nos chamados primeiros diálogos:

1. Na *Apologia* e no *Críton*, Sócrates identifica a Virtude com o supremo Bem, não reconhecendo além da virtude nenhum outro elemento que possa rivalizar com ela.

2. No *Protágoras*, Sócrates identifica o Prazer ao supremo Bem, manifestando um hedonismo moderado.

3. No *Górgias*, Sócrates condena a identificação do Prazer ao Bem, numa atitude francamente anti-hedonista.

Como dissemos, não há solução simples para o problema. A numerosa literatura sobre o assunto aponta para soluções drásticas que vão desde a recusa da sinceridade de Sócrates – fazendo com que ele tivesse defendido o hedonismo *ad hominem* – até a acusação de incoerência do autor. Rudebusch não aceita a saída irônica nem o desprezo pela inteligência do autor; prefere o caminho mais longo e árduo da busca pela compatibilidade entre as três posições. Como ele mesmo diz: “Este livro reconcilia o hedonismo do *Protágoras* com o anti-hedonismo do *Górgias* ao distinguir duas teorias do prazer: Sócrates argumenta contra uma, mas aceita a outra. Reconcilia o Sócrates hedonista – adequadamente entendido – com o Sócrates da supremacia da virtude da *Apologia* e do *Críton*”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> RUDEBUSCH, G. *Socrates, pleasure and value*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 3.

*Socrates, Pleasure and Value* reúne artigos publicados nas duas últimas décadas sobre essa tentativa de reconciliação das três posições. Esses artigos funcionam como marcos do roteiro de reconstrução (ou de construção) da imagem de um Sócrates hedonista compatível com a antiga e reconhecida imagem do Sócrates anti-hedonista. Dentre esses artigos, três deles são decisivos para a argumentação central do livro: (1) *Plato, Hedonism, and Ethical Protagorism* (1989): neste artigo, Rudebusch critica a interpretação de Gosling e Taylor (seguida por T. Irwin) calcada na distinção entre prazeres imediatos e prazeres de longa duração. Embora esta distinção permita a reconciliação entre a defesa do hedonismo do *Protágoras* (segundo Gosling e Taylor, um hedonismo do prazer de longa duração) e o anti-hedonismo do *Górgias* (segundo Gosling e Taylor, um hedonismo do prazer imediato), tem a desvantagem, segundo Rudebusch, de destruir justamente o que Sócrates pretende estabelecer com a sua doutrina hedonística: a comensurabilidade. Rudebusch encontra no texto uma outra distinção, aquela que Sócrates realmente teria estabelecido: entre a magnitude real e a magnitude aparente dos prazeres. Esta diferenciação permite que o prazer desempenhe o papel de única moeda corrente e de unidade de mensuração, unificando os vários móveis de ação, reconciliando assim o *Protágoras* com o *Górgias*: “Os argumentos de Sócrates contra Cálicles”, diz Rudebusch, “mostram apenas que se deve distinguir o bem do prazer aparente. O hedonismo de Sócrates do *Protágoras*, que distingue magnitudes aparentes e magnitudes reais dos prazeres, faz a mesma distinção. Assim o ataque de Sócrates contra a posição de Cálicles no *Górgias* não se estenderá até o hedonismo de medida que Sócrates defende no *Protágoras*”.<sup>2</sup> (2) *Calicles’ Hedonism* (1992)<sup>3</sup>: neste artigo, Rudebusch esforça-se para determinar especificamente o tipo de hedonismo defendido por Cálicles. Nem ‘hedonista prudencial’, nem ‘hedonista sibarítico’, Cálicles, segundo Rudebusch, defende um “hedonismo de satisfação do desejo sentido com respeito ao intrinsecamente desejado”. Que tipo de hedonismo é este? É um hedonismo que se serve do modelo fisiológico para pensar os prazeres em geral, compreendendo-os como o processo de preenchimento de uma deficiência física. Mas a posição de Cálicles, no entanto, não pode ser reduzida apenas à satisfação dos desejos corporais, mesmo porque o seu hedonismo envolve também

<sup>2</sup> RUDEBUSCH, G. op. cit., p. 25.

<sup>3</sup> Tradução brasileira: RUDEBUSCH, G. O hedonismo de Cálicles. Tradução de Fernando Muniz e Michael Marsden. *O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, n.13, 1999.

os prazeres não-corporais.<sup>4</sup> O que mais profundamente caracterizaria a posição de Cálicles é a utilização do modelo fisiológico que faz da percepção das deficiências – ou seja, do ‘desejo sentido’ – uma exigência imperiosa de satisfação, satisfação esta que Cálicles identifica com o Bem, isto é, com o intrinsecamente desejado. Temos assim a identificação calicleana do prazer com o Bem. O alvo de Sócrates, novamente, estaria, menos no hedonismo, mas no protagorismo e na visão do Bem e do desejo implicada na sua concepção. (3) *Death is One of two Things* (1991): este artigo contém o mais ambicioso – e o mais controvertido – passo da argumentação de Rudebusch. Ele parte da conclusão a que chega Sócrates no passo 40c-41c da *Apologia*; a morte é boa. Esta conclusão é extraída do seguinte dilema, “das duas uma, diz Sócrates, ou a morte é nada” (em que não se experimenta *áisthesis* alguma; uma espécie de sono sem sonho), “ou é uma mudança e migração da alma daqui para outro lugar” (e, se as histórias que contam são verdadeiras, será a ocasião oportuna para examinar homens de grande valor); enfim, em qualquer das duas hipóteses, a morte é uma coisa boa. A conclusão que Rudebusch retira deste argumento é um pouco mais audaz. Ele encontra no argumento de Sócrates a confirmação de que este último professa um hedonismo absolutamente compatível com a prática da virtude. Para obter tal compatibilidade ele lança mão da distinção entre prazeres sensoriais e prazeres modais (que não envolvem nenhum tipo de sensação). Prazeres modais, ao contrário dos prazeres que se obtém por meio de sensações, seriam atividades desempenhadas em função do valor reconhecido pela pessoa que executa. Deixando de lado a relevante questão sobre a existência desses conceitos em Platão, e a referência discutível de sustentação que Rudebusch oferece – PLATÃO, *Filebo*, 21a-b –; é interessante notar que, ao aplicar à *Apologia* a concepção de prazer modal desenvolvida por Gilbert Ryle<sup>5</sup> – que por sua vez retoma Aristóteles<sup>6</sup>, Rudebusch estende as interpretações recentes (dos últimos cinquenta anos) calcadas em Ryle para o âmbito geral dos diálogos. Nesse sentido, a interpretação de Rudebusch é uma importante tentativa de unificação da doutrina platônica do prazer. A interpretação desta doutrina na forma mais complexa formulada no *Filebo* recebeu um influxo renovador proveniente das análises contemporâneas sobre o prazer; principalmente as de Ryle. Este autor rejeita a noção de prazer-sen-

<sup>4</sup> Cf. PLATÃO. *Górgias*, 501b-c.

<sup>5</sup> RYLE, G. *The concept of mind*, p. 103 ss.

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, VII, 11-14.

sação e propõe uma visão “disposicional” do prazer que possibilitou re-interpretações de certos tipos de prazer na topologia apresentada no *Fílebo*, esse que é um dos mais difíceis diálogos de Platão. Mas a polêmica sobre o hedonismo ou anti-hedonismo dos primeiros diálogos permanecia alheia a essa renovação. As análises de Rudebusch aprofundam essa tendência ampliando o seu âmbito; querem encontrar já nos primeiros diálogos um hedonismo de prazeres modais. Este é o foco em que se concentram tanto as dificuldades quanto a originalidade de sua interpretação.

Rudebusch preencheu os espaços entre os artigos já publicados com novos e estimulantes textos. Embora o procedimento pareça artificial, um dos trunfos de seu livro é sua unidade, sua capacidade de manter-se na trilha do assunto original, de retomar os pontos anteriormente assentados, de estabelecer as novas etapas da argumentação, e executá-las. De qualquer modo, é um livro obrigatório para quem se interessa pelas discussões atuais sobre essa fase do pensamento platônico, especialmente sobre as questões relativas ao prazer e à virtude do ponto de vista socrático.

Fernando Muniz

*Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal Fluminense.*